

**LINGUAGENS ARTÍSTICAS E  
FORMAÇÃO POLÍTICA:  
uma proposta metodológica em  
construção pela Escola Nacional  
Florestan Fernandes – Centro-Oeste**

---

*Felipe Gonçalves  
Rafael Villas Bôas  
Evelaine Brennand  
Rosmeri Witcel*

O artigo pretende registrar e analisar a experiência em andamento da metodologia adotada pela Escola Nacional Florestan Fernandes<sup>1</sup> – Centro-Oeste (ENFF-CO) para a articulação entre os temas teóricos de seus cursos, as linguagens artísticas e o trabalho com os meios de comunicação. Tomando como fonte principal a sistematização do curso de Teoria Política para Dirigentes e Formadores, o trabalho historiciza as fases de apropriação da Cultura e da Arte pelas propostas metodológicas dos cursos, e toma como objeto específico o papel formativo das linguagens artísticas em um curso de teoria política, articuladas aos temas elencados pela coordenação da ENFF.

**Palavras-Chave:** linguagens artísticas, formação política, Escola Nacional Florestan Fernandes.

## INTRODUÇÃO

Neste artigo pretendemos refletir sobre a experiência em andamento da metodologia adotada pela Escola Nacional Florestan Fernandes – Centro-Oeste (ENFF-CO), no intuito de registrar e analisar desafios e limites na articulação entre os temas teóricos de seus cursos, as linguagens artísticas e o trabalho com os meios de comunicação. Como objeto específico, detalharemos o papel formativo das linguagens artísticas em um curso de teoria política para jovens dirigentes e formadores, articuladas aos temas elencados pela Coordenação de Formação da ENFF para o curso em questão.

Uma das principais características do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é o valor que a organização confere à formação permanente de seus militantes. Essa característica é essencial para a forma de atuação da organização, que precisa a todo momento qualificar seus quadros e expandir a quantidade de pessoas envolvidas por meio do trabalho de base visando a massificação dos acampamentos em latifúndios e em propriedades que não cumprem a função social da terra, conforme previsto na Constituição Federal de 1988 (artigo 184). A formação é, portanto, parte estruturante da estratégia política do MST, e a construção de metodologias e formas de ensino e aprendizagem de conteúdos é uma questão em permanente debate interno, que envolve os militantes de diversos setores organizativos do movimento, como a Educação, a Cultura, a Saúde, o Gênero, a Produção, a Frente de Massa, a Comunicação.

<sup>1</sup> A Escola Nacional Florestan Fernandes, sediada em Guararema - SP e com campi nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, tem como missão atender às necessidades da formação de militantes de movimentos sociais e organizações que lutam por um mundo mais justo. Criada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a escola já recebeu mais de 24 mil pessoas em cursos, seminários, conferências e visitas. Disponível em: <<http://amigosennff.org.br/>>. Acesso em: 19/02/2016.

Influenciado pela dinâmica de formação dos partidos marxistas da primeira metade do século XX, pelos cursos de formação promovidos pelo Partido Comunista de Cuba que envolveram militantes de organizações de toda a América Latina – em que o MST participou com o envio de militantes, principalmente nas décadas de 1980 e 1990, pela experiência adquirida com os intercâmbios com organizações camponesas de todos os continentes, por meio das articulações internacionais da Via Campesina e, também, pela concepção política, pedagógica e metodológica da Educação Popular, o MST expressa em sua proposta uma síntese produtiva dessas influências, por meio dos seguintes aspectos:

- o cuidado com a democratização do conhecimento acumulado para o conjunto dos integrantes da organização, da base aos militantes da direção;
- a formação teoricamente exigente dos quadros dirigentes da organização;
- a ligação permanente entre a formação de quadros, a organização popular e um projeto concreto de transformação social;
- o reconhecimento da experiência coletiva e subjetiva de todas as pessoas que ingressam nos seus cursos (BOGO, 2007; PIZETTA, 2007).

Além desse processo de reconhecimento do legado a ser socializado e da incorporação do conhecimento popular, há também a preocupação com a formação omnilateral (FRIGOTTO, 2012), que busca abranger todas as dimensões de aprendizado humano, incluindo a dimensão estética. Para isto, torna-se necessária a combinação de métodos de formação “criativos, coletivos, alegres, abertos, que possibilitem a participação em vez do autoritarismo” (PIZETTA, 2007, p. 95).

Antes de adentrar na proposta, cabe sistematizar brevemente, a partir de nossa observação como formadores, as diversas maneiras como as linguagens artísticas vêm sendo trabalhadas nos cursos de formação do MST, o que implica no mapeamento do progressivo amadurecimento coletivo da compreensão da arte na organização.

Uma primeira dinâmica que identificamos é a da **arte como entretenimento**. A arte passa a ser reconhecida e promovida nas várias atividades do movimento como as noites culturais, atos políticos, encontros de setores e coletivos, o que constitui um avanço significativo. Contudo, a arte nesse viés ainda é compreendida exclusivamente como sinônimo de entretenimento, de diversão, sem um debate sobre o caráter formativo das linguagens artísticas.

Podemos considerar essa dinâmica como avanço porque essa concepção expressa, mesmo que de forma limitada, a necessidade da arte e da cultura como partes constituintes do processo de formação dos cursos. Ou seja, a presença constante da Arte e da Cultura na programação dos cursos é uma lembrança permanente da importância da questão. Contudo, podemos dizer que nesses casos a potencialidade do trabalho com cultura e arte para a formação não é atingida de modo abrangente, porque as manifestações e obras artísticas são apresentadas como produtos a serem consumidos como ornamentos, ou fruídos de forma imediata, sem diálogo com os conteúdos e com o tempo de estudo, determinante do curso. Há, nesse caso, a permanência de uma visão dicotômica sobre as formas de aprendizado racionais e científicas e as formas sensíveis por meio das linguagens do campo estético.

Outra maneira que a arte surge nos espaços formativos do MST é com a presença das **linguagens artísticas enquanto oficinas complementares**, com um caráter lúdico ou de descontração das atividades focadas em conteúdos específicos. Estas oficinas, geralmente com cargas horárias reduzidas e no final das atividades diárias, abrem brechas para a incorporação gradual das artes na carga horária dos cursos de formação. Evidentemente, inicia-se aí uma reflexão sobre arte e política, corpo e mente, razão e emoção, e colabora para o avanço da discussão sobre articulação entre teoria e prática. Por outro lado, este espaço restrito para o trabalho com arte assume um caráter secundário e – porque não – acessório, comumente com a função de válvula de escape dos momentos considerados como mais “sérios” e formativos.

Um terceiro viés é a **arte como complemento de conteúdo** e elemento de erudição, no qual o uso das linguagens artísticas surge com finalidade instrumental durante aulas de outros temas para ilustrar aspectos abordados (filmes, músicas, teatro, artes plásticas). Espaços de exibição de mostras cinematográficas, musicais, teatrais ou exposição de obras visuais nos espaços de convivência dos cursos são outras formas que demonstram maior compreensão do caráter formativo das linguagens artísticas. De algum modo, emerge uma articulação mais orgânica entre temas dos cursos e as artes, por meio de legados estéticos e suas pontes com processos históricos. Exemplos: economia política e teatro brechtiano; história das revoluções e fotografia ou muralismo; ditaduras e resistência popular na América Latina com a produção musical e cinematográfica, etc. Ainda se mantém, entretanto, o caráter complementar da arte no processo de formação, sendo a arte um elemento adicional, relevante, embora, ainda secundário.

Por fim, alguns cursos apostam nas **linguagens artísticas como processo de formação**, com a abertura de tempos de aula para as linguagens, ou seminá-

rios nas etapas de Tempo Escola na Pedagogia da Alternância<sup>2</sup>, ou ainda o aumento da carga horária e frequência das oficinas em articulação com os temas formativos. Em cursos como Teoria Política Latino-americana, que recebe militantes de vários países na sede da ENFF em Guararema-SP, estudos sobre literatura da América Latina transformaram-se em método de introdução aos temas abordados durante as semanas de estudo. Outros cursos como a Especialização em Estudos Latino-americanos, realizada em parceria da ENFF com o curso de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), dedicam disciplinas específicas para a arte e cultura da nossa região. Em estágio mais avançado encontra-se, por sua vez, o curso que aqui analisaremos, no qual metade da carga horária passa a ser destinada para o trabalho com as linguagens artísticas. Nestas experiências, dentre outras, o caráter formativo das linguagens e o efeito do reconhecimento das estruturas formais dos processos sociais passa a incidir no debate político.

## EXPERIMENTO METODOLÓGICO COM AS LINGUAGENS ARTÍSTICAS NA ENFF - CENTRO-OESTE

“Sei que tenho que ler e estudar mais, que o conhecimento é uma construção coletiva. Nosso desafio agora é de traduzir nossa compreensão do conteúdo nas diferentes linguagens e expressões” (Depoimento da educanda Leandra, MST-Tocantins).

**I**nicialmente, o Curso de Teoria Política para Dirigentes e Formadores da ENFF-CO, realizado em duas etapas de aproximadamente um mês no ano de 2012, tinha objetivos amplos como

formar militantes para contribuir com o desenvolvimento da consciência política, organizativa e formativa de nosso movimento, apropriar-se dos debates e análises dos grandes temas que o MST iniciou neste último período como parte dos seus desafios políticos internos, envolver a juventude e a militância nova tendo em vista a preparação ao nosso 6º Congresso Nacional, capacitar os militantes para desenvolver o trabalho e a formação de base nos assentamentos e acampamentos e conhecer e aprofundar a análise da luta de classes estabelecida no campo envolvendo o agronegócio versus a mobilização dos Sem Terra (ENFF - CENTRO-OESTE, 2012, p. 1-2).

<sup>2</sup> Pedagogia da Alternância é um método pedagógico utilizado na Educação do Campo, cuja principal característica é articular períodos na escola/universidade (Tempo Escola) com a vivência prática dos conhecimentos estudados nas comunidades de origem dos educandos (Tempo Comunidade).

O conteúdo programático teve como focos centrais a história crítica, elementos introdutórios de filosofia e economia política por meio do estudo de temas como: a história do MST e da luta de classes no Brasil, a questão agrária, a natureza do Estado burguês e a teoria da organização política. Um programa de estudos que, apesar de sua densidade, buscava ser também aberto e articulado com a ação prática das mobilizações do movimento durante os períodos de etapa presencial e com a demanda de trabalho de base nas áreas de assentamento e acampamento do MST.

QUADRO 1 – GRADE DE ATIVIDADES DO CURSO

TURNOS/ DIA	SEGUNDA- -FEIRA	TERÇA-FEI- -RA	QUARTA- -FEIRA	QUINTA- -FEIRA	SEXTA- -FEIRA	FIM DE SEMANA
MANHÃ	Mística  Filosofia/ Economia Política/ História do Brasil/ História do MST (um tema por semana)	Mística  Filosofia/ Economia Política/ História do Brasil/ História do MST	Mística  Filosofia/ Economia Política/ História do Brasil/ História do MST	Mística  Filosofia/ Economia Política/ História do Brasil/ História do MST	Mística  Filosofia/ Eco- nomia Política/ História do Brasil/ História do MST	Trabalho de base
TARDE	Linguagens Artísticas (Artes Plásticas, Audio-visual, Literatura e Teatro)	Linguagens Artísticas	Linguagens Artísticas	Linguagens Artísticas	Apresentação de Seminário das Linguagens Artísticas	Lazer coletivo
NOITE	Reunião dos Núcleos de Base	Reunião da Coordenação	Cinema na Terra	Círculo de Leitura	Conclusões dos educadores	Noite Cultural/ Tempo livre

Fonte: Produção dos autores

Para a coordenação da ENFF-CO, estava claro na época o desafio de inovar na metodologia, combinando momentos de estudo e aprofundamento com a ação política enquanto parte do próprio estudo. Mas, afinal de contas, quais inovações eram necessárias? A autocrítica ao caráter muitas vezes “conteudista” deste tipo de curso abria espaços para experimentos e, desde a proposta inicial, a expectativa com o curso era “trabalhar teoria e prática ao mesmo tempo. Por isso, considera-se importante que possamos fazer de nosso curso uma espécie de laboratório de campo (ir além das experiências do passado) e de estudo” (ENFF- CENTRO-OESTE, 2012, p. 7).

A compreensão destes desafios e limites permitiu a formulação de uma proposta de integração orgânica do estudo teórico dos temas acima elencados com a experimentação formal por meio das oficinas em audiovi-

sual, teatro, artes plásticas e literatura. Os conteúdos dos estudos teóricos, realizados nas manhãs do curso, eram problematizados nas oficinas das linguagens artísticas durante as tardes. Os educandos do curso, divididos em núcleos de base, distribuíam-se entre as oficinas disponíveis e uma síntese destes experimentos era apresentada ao conjunto de participantes do curso no formato de seminário ao final da semana. Neste seminário, portanto, os educandos apresentavam o tema de estudo por meio do suporte dessas linguagens, revelando tanto sua compreensão coletiva sobre a teoria como uma expressão artística conjunta sobre os temas.

Diante do problema, muitas vezes, aparentemente insolúvel do “conteudismo”, esta proposta metodológica buscava conciliar de maneira pedagogicamente mais produtiva o tempo de transmissão de conhecimento com o tempo de elaboração necessário sobre o conhecimento adquirido. E, além disso, o potencial efeito dessa articulação entre formação política e formação no campo estético é que isso permite que as estruturas formais das obras e processos se tornem perceptíveis, para além da aparência do acesso imediato, e restrito, à esfera do conteúdo. Ou seja, isso possibilita a compreensão desideologizadora dos processos sociais e estéticos, pois educa para que as pessoas sejam capazes de elaborar não apenas sobre o que julgam ver, mas sobre o efeito estético das formas sociais e artísticas sobre si próprios.

Cabe ressaltar que essa proposta metodológica tornou-se possível nesse curso, nesse campus da ENFF, por conta de fatores conjunturais como a disposição da coordenação político e pedagógica (CPP) da ENFF-CO em arriscar propostas metodológicas que busquem superar impasses do processo de aprendizado, na transmissão e construção coletiva do conhecimento e, sobretudo, pela presença permanente de militantes formadores do Coletivo de Cultura e do Setor de Comunicação com larga experiência em processos formativos da Cultura e coletivos internos do MST como a Brigada Semeadores de Agitprop do MST/DFE, a Brigada de Audiovisual da Via Campesina, a Brigada de Artes Plásticas Candido Portinari do MST, a Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré somados aos professores militantes da área de Literatura, integrantes do grupo de pesquisa Literatura e Modernidade Periférica que atuam na Universidade de Brasília.

Ou seja, em cada frente há um trabalho de acumulação de anos, que se reverteu no curso de forma organizada e articulada, num trabalho sistemático que aconteceu durante todas as tardes, com produções compartilhadas no final das semanas, durante a etapa. O avanço é considerável, se

compararmos com a maneira tradicional como as oficinas de artes entram nos cursos de formação: em geral, tem carga horária pontual e limitada, uma ou duas vezes por semana, por no máximo duas horas, colocadas em horários de menor concentração, quando as turmas estão mais cansadas (geralmente nas noites ou finais de tarde), para que as turmas possam espalhar das aulas “mais sérias”.

De modo geral, o trabalho com todas as linguagens consistia em socializar os fundamentos básicos de cada linguagem, os conceitos determinantes e os procedimentos estruturantes para o trabalho com a linguagem. Ou seja, em diálogo com os temas trabalhados no decorrer do curso, a equipe de formadores buscava esferas de mediações em que tanto o conteúdo pudesse ser explorado de outra maneira quanto a forma de trabalho com o conteúdo pudesse ser compreendida como uma questão em si, com as especificidades estéticas da configuração dialética entre forma e conteúdo que cada linguagem trabalhada comporta.

No caso da literatura, por exemplo, um conto ou um poema eram lidos e analisados coletivamente pela turma, com a presença dos professores, que juntamente aos militantes procediam a investigação do modo como o conteúdo abordado pelo poema, estava contido dialeticamente pela forma do mesmo, ou seja, como a forma condensa ou precipita a matéria social. O contato com a aparência do fenômeno dava lugar ao mergulho na essência da estrutura da obra. Processos como esse despertam extremo interesse nas pessoas que participam das “aulas” porque o espaço de aprendizado é transformado em uma espécie de assembleia, em que a investigação do poema ocorre de forma coletiva, e os conceitos da crítica estética marxista<sup>3</sup> são colocados em exercício, permitindo o diálogo com temas e conceitos abordados nas aulas de economia política ou de filosofia, por exemplo.

Nesse trabalho os militantes puderam tomar contato com uma fração do imenso legado da literatura brasileira e seus escritores, que com vigor e competência dão forma às contradições do processo social brasileiro. Há, nesse caso, a consciência de que devemos nos apropriar do legado estético, que ele não é privilégio da elite letrada, é um direito de toda a classe trabalhadora, e que os trabalhadores e trabalhadoras Sem Terra podem e devem dele se apropriar como parte do processo de emancipação e luta em que se colocaram.

A experiência do trabalho com teatro, a partir da metodologia do Teatro do Oprimido<sup>4</sup>, consiste no desenvolvimento de um trabalho teatral que tenha como epicentro a experiência dos participantes, no que diz res-

<sup>3</sup> Vide o glossário “Termos chave para a crítica estética marxista” elaborado pelos professores Ana Laura dos Reis Corrêa e Bernard Hess, do referido grupo de literatura (VILLAS BÔAS, Rafael; PEREIRA, Paola Masiero. *Cultura, arte e comunicação*. São Paulo: Outras Expressões, 2015).

peito às histórias coletivas e individuais de opressão e exploração que sofreram e sofrem. Esse material pode ser transformado em matéria de debate, em estímulo e foco de exercícios teatrais, como as sequências do Teatro Imagem, em que os corpos expressam situações de opressão, e ao mesmo tempo podem esboçar formas de resolução daqueles conflitos, e analisar estágios do conflito ao ponto ideal da solução do mesmo, de maneira dialética.

Como parte do processo são desenvolvidos jogos e exercícios com o objetivo de desautomatizar os corpos reificados pelo mundo do trabalho, e permitir que o coletivo passe a analisar socialmente os gestos que elaboram como forma de expressão das contradições do mundo do trabalho. Desse modo, são estimulados todos os sentidos humanos em sequências de exercícios em que o vocabulário corporal é explorado em sua infinitude, com ênfase na expressão de ritmos e sons com nossos corpos, no trabalho gestual sem o auxílio da visão para aguçar os sentidos tátil, auditivo e olfativo, e exercícios cuja expressão tátil demanda forte contato entre os integrantes, em jogos de equilíbrio e força, que desenvolvem a sensação de confiança e integração entre os presentes.

O ponto culminante do trabalho ocorre com a construção das cenas de Teatro Fórum, equivalentes a pequenas peças teatrais formuladas a partir de situações de exploração e opressão vivenciadas ou conhecidas pelos presentes, e que dialogam com contradições que sejam de interesse do público que assistirá às cenas. O momento da apresentação consiste em momento de análise coletiva dos problemas abordados nas cenas, e uma pessoa que faz a mediação entre os atores e a cena com o público, que é chamada no Teatro do Oprimido de curinga. A intervenção do curinga lança questões aos presentes, provocando a reflexão, e convida as pessoas para que elas mostrem entrando em cena no lugar dos personagens oprimidos o que elas acham que pode ser feito para transformar aquele problema, a partir da ação dos oprimidos interessados na resolução da opressão.

Esses exercícios cênicos de análise tem grande potencial para o estudo da dialética, aplicada a problemas concretos da vida cotidiana, na medida em que permitem uma abordagem aprofundada dos problemas e o teste de diversas formas de solução dos mesmos. São, conforme dizia Augusto Boal, ensaios potenciais da revolução, embora a arte mesma não tenha o poder de alterar a realidade. A arte pode preannunciar, desvelar aspectos do real que não são sensíveis aos olhos ofuscados pela ideologia<sup>5</sup>.

Além do trabalho com essa metodologia, há o trabalho de leitu-

<sup>5</sup> Desenvolvido pelo dramaturgo Augusto Boal, que trabalhou de forma sistemática com o MST de 2001 a 2005 formando cerca de trinta formadores que integram a Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré.

ra de textos da dramaturgia do teatro político, como as peças didáticas de Bertolt Brecht, escritas entre 1928 e 1932 em sua grande maioria, ou com as peças do teatro político brasileiro que abordaram a luta pela terra, como “Mutirão em Novo Sol” escrita por Nelson Xavier, Augusto Boal e outros, em 1961, “Quatro quadras de terra” e “Azeredos mais os Benevides” de Vianinha, escritas em 1962 e 1963 respectivamente e as peças da Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré, reunidas nos dois volumes do livro Teatro e Transformação Social.

Em casos em que há mais tempo para a interface entre os temas trabalhos e o trabalho teatral foram trabalhados, por exemplo, a peça “A mais Valia Vai Acabar Seu Edgar”, de Vianinha (1962) com o estudo de capítulos iniciais do volume I do livro “O Capital” de Karl Marx, para a compreensão sobre os conceitos de valor de uso, valor de troca, mais valia e fetichismo da mercadoria<sup>6</sup>; e o trabalho com a peça “Santa Joana dos Matadouros” com a aula de economia política para explicar a dinâmica do capital especulativo e o movimento de crise e recuperação do capitalismo<sup>7</sup>.

O trabalho desenvolvido com a linguagem das artes plásticas foi realizado através da ação da Brigada de Artes Plásticas Cândido Portinari do MST. Podemos considerar que este trabalho tomou como ponto de partida as oficinas de artes realizadas nos Cursos de Verão, realizados todos os anos na PUC-SP e organizados pelo CESEEP<sup>8</sup>, acrescentados pela dinâmica de produção de artes realizadas pela Brigada Portinari e baseada pela metodologia do Materialismo Histórico Dialético utilizado nos cursos de formação da ENFF e do MST.

No primeiro momento, as atividades eram orientadas a partir dos processos formativos e temáticos de cada módulo de formação, relacionando as formas de produção da linguagem plástica e seus elementos visuais no decurso da história, realizando leituras coletivas das obras a fim de construir novos olhares e significados.

Ao colocar em diálogo as questões referentes à leitura das obras de arte em um processo de desconstrução do senso comum, sendo tão so-

<sup>5</sup> A experiência do trabalho de Boal com o MST é narrada no artigo “MST conta Boal: do diálogo das Ligas Camponesas com o Teatro de Arena à parceria do Centro do Teatro do Oprimido com o MST”, de autoria de Rafael Litvin Villas Bôas, disponível no link: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_issuetoc&pid=0020-387420130002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0020-387420130002&lng=pt&nrm=iso)> referente ao número 57 da Revista de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo. Acesso em 19/02/2016.

<sup>6</sup> Esse estudo ocorreu no Seminário Arte e Cultura na Formação realizado na ENFF de Guararema, em 2005, com 100 militantes de diversos estados e setores do MST. O grupo FORJA de teatro político de São Paulo apresentou leitura dramática da peça após um dia de leitura e estudo sobre capítulos do livro de Karl Marx, conduzidos pelo professor Marildo Menegat, da UFRJ.

<sup>7</sup> O trabalho foi coordenado em parceria pela professora Roberta Traspadini, e pelo militante da Brigada Nacional de Teatro do MST Douglas Estevam, em curso de Formação de Quadros em Arte, Cultura e Comunicação, na ENFF de Guararema, em 2007.

<sup>8</sup> O Centro Eclesiástico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (CESEEP) realiza todos os anos o Curso de Verão, de caráter extensionista, na PUC/SP. “O curso é um espaço de partilha de experiências e é um lugar para aprofundar e revisar as práticas, com insumos teóricos garantidos pela metodologia participativa através das várias oficinas que o curso oferece”. Disponível em: <<http://www.ceseep.org.br>>. Acesso em: 19/02/2016.

mente forma estética, desvinculada da vida e do lugar social, apresentando como uma linguagem que expressa valores e ideologias, construímos a desmistificação da obra considerando não ser ela simplesmente uma forma estética mas, também, que pode ser forma de alienação, como também forma de luta, onde é possível transformar o que é senso comum em processos emancipatórios.

Outro desafio lançado foi propiciar acesso às técnicas, em que a proposta foi trabalhar com a técnica de recorte de revistas e colagem. Devido ao pouco tempo de trabalho com os núcleos – cada núcleo passava uma semana por linguagem – era difícil trabalhar com o desenvolvimento de outras técnicas, como a pintura e o desenho.

Em síntese, este trabalho teve como objetivo “transformar o discurso em imagem”, ou seja, sistematizar os principais temas debatidos no curso em linguagem visual, através de trabalhos produzidos coletivamente, em grupos, que ao final de cada tema eram expostos e debatidos em forma de pequenos seminários.

Ao realizar esta experiência colocamos em pauta uma série de questões, que muitas vezes não estão colocadas no cotidiano dos movimentos sociais, como o direito ao acesso à linguagem artística, à possibilidade de acesso às diversas técnicas a fim de se expressar além da fala, permitindo outras formas de expressão, possibilitando a transformação dos padrões estéticos de representação a partir do próprio olhar ou de olhares coletivos, entrelaçando “criatividade e rigor discursivo, emoção e reflexão, beleza e compromisso” (WANDERLEY, 2011, p. 19) contribuindo para a transformação política e social.

Na linguagem audiovisual, o curso retomou uma prática de formação desenvolvida a partir da apropriação coletiva dos meios de produção e técnicas audiovisuais, como parte de um processo elaborado a partir da experiência da Brigada de Audiovisual da Via Campesina (GOMES *et al*, 2015). Cientes de que a linguagem audiovisual sempre esteve presente no cotidiano dos movimentos sociais do campo – seja pela permanente difusão de imagens parciais de caráter negativo sobre a luta por Reforma Agrária pela imprensa, ou pela produção própria dos movimentos, alavancada pelos avanços tecnológicos das últimas décadas, e de seus parceiros –, os formadores na linguagem do audiovisual problematizaram no curso questões-chave como o discurso dos meios de comunicação dominantes sobre a luta de classes no campo, a produção própria dos movimentos, a representação audiovisual adequada à realidade agrária e a divisão de trabalho emancipa-

tória por meio de uma prática coletiva e participativa.

Nosso ponto de partida nas oficinas de audiovisual consistia na análise do discurso dominante reproduzido nos meios de comunicação de massa sobre a luta pela terra. Uma variedade de formas audiovisuais como a publicidade do agronegócio, matérias de telejornais, fragmentos de telenovelas, entre outros, na medida em que eram debatidas pelos educandos, convergiam na identificação de uma leitura ideologizada e mistificadora das contradições reais do campo pelos emissores dessas mensagens. A crítica coletiva apontava para a tentativa incessante da indústria cultural – aliás, reconhecida pelos educandos como eficiente – de difundir e naturalizar os valores e visão de mundo da classe dominante como se fossem do conjunto da sociedade, ao mesmo tempo em que oculta a demanda por Reforma Agrária, fragmenta a luta no campo sem apresentar sua história, os antagonismos sociais e suas causas concretas, criminaliza os movimentos por meio da indução de repressão policial, ou mesmo inverte completamente as pautas de determinada ação política<sup>9</sup>.

Essas formas da indústria cultural, em outras palavras, reproduzem o que chamamos de padrões hegemônicos de representação da realidade, legitimando a ordem dominante e, ao mesmo tempo, sedimentando valores burgueses como a defesa da propriedade privada, o consumismo e o individualismo. Nosso desafio como formadores era reconhecer, junto com os educandos, o caráter ideológico desse conteúdo onipresente nas produções da indústria cultural, mas ao mesmo tempo mostrar a forma como esse conteúdo se estrutura nas diferentes produções audiovisuais.

Desta maneira, os procedimentos de roteiro, construção de texto, entrevista, filmagem, escala de planos, edição e exibição eram trabalhados junto com o conteúdo das narrativas do agronegócio e da mídia dominante, criando um estranhamento nos educandos que acreditamos ter uma função de desnaturalização do olhar e da visão de mundo dominante, também entranhada nos próprios militantes presentes no curso. Aos poucos, passava a ser uma demanda da turma o reconhecimento de que a produção própria dos movimentos era necessária e urgente, bem como entender que não poderíamos expressar um conteúdo transformador aderindo aos modos de produção dos realizadores de um discurso dominante.

Um desafio assumido pelos núcleos, portanto, era passar da crítica à produção audiovisual, mesmo naquele curto espaço de oficina. Buscar a representação audiovisual adequada à realidade agrária e à luta social, e ainda articular uma forma estética com os temas abordados a cada semana pelo curso tornava-se uma busca instigante para os núcleos de realizadores.

<sup>9</sup> O argumento sobre a dinâmica de manipulação dos meios de comunicação dominantes é mais bem desenvolvida em Abramo (2003).

O planejamento, a discussão coletiva e a utilização de técnicas de entrevista contribuíram para a reflexão conjunta dos educandos sobre os temas do curso, sendo posteriormente intercaladas com a utilização de materiais de arquivo previamente disponibilizados para a edição.

A divisão do trabalho nas oficinas da linguagem audiovisual apreciava como um problema concreto a ser trabalhado pelos formadores. Ao mesmo tempo em que uma divisão de tarefas era imprescindível entre os educandos para a realização dos vídeos, partíamos do pressuposto de que todos deveriam ter uma compreensão integral das etapas de realização audiovisual desde o roteiro até a exibição. Ou seja, estava em jogo o rompimento da divisão de trabalho própria da produção de mercadoria, evidentemente reproduzida pelo cinema e televisão dominantes com funções exclusivas e determinadas. A dimensão emancipatória de recusar a divisão de trabalho alienada permitia, neste contexto específico, construir um trabalho coletivo em que os membros do grupo tinham mentalmente a dimensão do todo do processo, mesmo que não estivessem diretamente responsáveis por uma ou outra tarefa. Debater política e esteticamente o roteiro, dividir as tarefas, realizar a obra e avaliar o resultado e o cumprimento das ações planejadas aproximava, em síntese, a realização audiovisual do acúmulo organizativo do próprio movimento em um rodízio de funções que permitia antever o todo e desenvolver potenciais específicos dos educandos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

**A**o passarmos a considerar que uma das intencionalidades pedagógicas do curso seria enfrentar a ideologia por meio do ensino das estruturas formais que configuram os conteúdos notamos que a percepção dos educandos quanto às formas de organização dos discursos e das experiências se ampliou grandemente, inclusive porque os militantes em formação perceberam que se trata de assuntos que dizem respeito à política e a formação ideológica das pessoas, logo, que se trata de construções históricas, que são passíveis de debate e transformação.

Sendo assim, assumimos nesta experiência com as linguagens artísticas que as formações estética e política de trabalhadores devem caminhar em paralelo, contribuindo com sua capacidade de desconstruir os sentidos hegemônicos das obras, programas, telejornais, vídeos publicitários, por meio da compreensão da relação dialética entre a forma estética e a forma social. O crítico Antonio Candido aponta para o potencial eman-

cipatório de percebermos essa relação criticamente e seu ofuscamento pela ideologia:

Em palavras usuais, o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere. O caos originário, isto é, o material bruto a partir do qual o produtor escolheu uma forma, se torna ordem; por isso o meu caos interior também se ordena e a mensagem pode atuar. Toda obra literária pressupõe esta superação do caos, determinada por um arranjo especial das palavras e fazendo uma proposta de sentido (CANDIDO, 1995, p. 246).

Por meio do desenvolvimento de experiências como essa compreendemos que a esfera da Cultura está articulada com a esfera da Política e da Economia, e que o método de apropriação das linguagens pode contribuir para desencadear processos de ruptura da segmentação do conhecimento, conseqüente da divisão alienada do trabalho, operando sempre que possível com a proposta de articulação das diversas linguagens. Avançar neste debate conjunto das linguagens é um desafio que identificamos em nossa experiência, como também a lógica de processo submetido a um produto final, a ser apresentado – independentemente de sua maturação – no seminário de encerramento da semana.

Um dos saldos que pudemos detectar com a experiência de trabalho com as linguagens estéticas em interface com os conteúdos ministrados pela parte da manhã é a ampliação da capacidade expressiva dos militantes, sobretudo do ponto de vista da retórica. Àqueles que carregam enorme medo e dificuldade de se expressar, de tomar posição, em razão da carga histórica de repressão que sofrem, pois lhes foi extraído do suor do trabalho a exploração da mais valia, sujeitando o desenvolvimento de capacidades expressivas inerentes ao ser humano, como o uso da palavra em autodefesa, o direito à imaginação, o empenho pela luta por direitos básicos, foi possibilitado pela experiência do curso a apropriação de técnicas e conhecimentos que permitiram o desenvolvimento das habilidades cognitivas e orais necessárias à atuação política.

Além disso, percebemos que o potencial dessa metodologia de trabalho é muito grande para o trabalho de base e para a construção do poder popular, pois permite que em curto espaço de tempo pessoas que não passaram pelo ensino formal de arte se apropriem de procedimentos estéticos

que lhes permitem construir bens simbólicos a partir de suas próprias experiências. Novamente, temos o entrelaço produtivo entre a socialização dos meios de produção e o despertar da consciência do direito sobre o legado estético das obras que foram produzidas pelo conjunto da humanidade. A erudição não é fator de distinção social, mas é fruto de uma necessidade histórica de superação da condição de desigualdade que tem na privação do conhecimento um dos seus pilares centrais.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

BOGO, Ademar. A formação de quadros: desafios e necessidades. In: ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES. *Caderno de Estudos ENFF 1 – A Política de Formação de Quadros*. Guararema-SP: Edição do autor, 2007.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES – CENTRO-O-ESTE. *Curso de Formação Política. Esboço de Projeto Pedagógico e Metodológico*. Mimeo, 2012.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação Omnilateral. In: CALDART, R. S. et al. *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

GOMES, Thalles et. al. Audiovisual e transformação social – a experiência da Brigada de Audiovisual da Via Campesina. In: BASTOS, Manoel Dourado; GONÇALVES, Felipe Canova (Orgs.). *Comunicação e disputa da hegemonia: a indústria cultural e a reconfiguração do bloco histórico*. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

PIZETTA, Adelar. A formação de quadros políticos: elaboração teórica, experiências e atualidade. In: ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES. *Caderno de Estudos ENFF 1 – A Política de Formação de Quadros*. Guararema-SP: Edição do autor, 2007.

WANDERLEY, Luis Eduardo. Cultura popular e educação popular: convergências e divergências. *Ponto-e-Vírgula, revista de Ciências Sociais*, n. 10, p. 10-21, 2011.